

Fonoaudiologia em contextos grupais

Referenciais teóricos e práticos

ORGANIZADORAS

Ana Paula Berberian

Ana Paula Santana

FONOAUDIOLOGIA EM CONTEXTOS GRUPAIS

Referenciais teóricos e práticos

Copyright © 2012 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Editora assistente: **Salete Del Guerra**

Capa: **Alberto Mateus**

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Plexus Editora

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.plexus.com.br>

e-mail: plexus@plexus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3873-7085

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Apresentação 7

1. Terapia em grupo voltada à linguagem escrita:
uma proposta com base nos gêneros do discurso 9

RITA SIGNOR

ANA PAULA BERBERIAN

2. Práticas intergeracionais e linguageiras
no processo do envelhecimento ativo 33

GISELLE MASSI

REGINA CÉLIA CELEBRONE LOURENÇO

ROXELE RIBEIRO LIMA

CARINE ROSSANE PIASSETTA XAVIER

3. O grupo operativo de pais como espera assistida
em casos de distúrbios de linguagem oral na infância 61

ANA PAULA RAMOS DE SOUZA

FERNANDA MARAFIGA WIETHAN

ELLEN FERNANDA KLINGER

4. Grupo de familiar/cuidador de indivíduos
com demência: práticas interdisciplinares 83

ANA PAULA SANTANA

SILVIA MARIA AZEVEDO DOS SANTOS

5. Terapia em grupo na motricidade orofacial 101

IRENE QUEIROZ MARCHESAN

LUCIANA REGINA DE OLIVEIRA

6. Gerenciamento em grupo de pacientes com disfagia orofaríngea neurogênica: a importância dos familiares e dos cuidadores 113
ANA MARIA FURKIM
FRANCIELE SAVARIS SÓRIA
FABIANI RODRIGUES DA SILVEIRA
FERNANDA PIZANI DUTRA
NATHÁLIA BUNN CHAVES
7. Grupo de Parkinson e enfoque vocal: relato de experiência 125
MARIA RITA PIMENTA ROLIM
CLÁUDIA COSENTINO BRUCK MARÇAL
8. Atuação interdisciplinar com grupo de pais ouvintes de crianças surdas sob a perspectiva bilíngue 137
CLAUDIA REGINA MOSCA GIROTO
SANDRA ELI SARTORETO DE OLIVEIRA MARTINS
9. Grupo terapêutico fonoaudiológico: português para surdos 161
ANA CRISTINA GUARINELLO
DÉBORA PEREIRA CLAUDIO
PRISCILA SOARES VIDAL FESTA
HUGO AMILTON SANTOS DE CARVALHO
10. Atividades grupais e o protagonismo juvenil em saúde do escolar no âmbito da fonoaudiologia 183
VÂNIA MUNIZ NEQUER SOARES
ADRIANA BENDER MOREIRA DE LACERDA
11. O grupo focal como técnica na investigação em fonoaudiologia 203
CLÁUDIA GIGLIO DE OLIVEIRA GONÇALVES

Apresentação

APÓS A ORGANIZAÇÃO DO LIVRO *Abordagens grupais em fonoaudiologia – Contextos e aplicações*, em 2007, consideramos profícua a edição de um novo volume tendo em vista o implemento de abordagens grupais que vêm, gradativamente, ocorrendo nos campos da educação e da saúde – em especial na área da fonoaudiologia. Se, passados cinco anos, ainda observamos um número restrito de pesquisas e práticas grupais, quando comparadas àquelas destinadas às intervenções individuais, é perceptível também que, nesse período, a relevância, as concepções e as experiências em torno desse tipo de atuação ganharam espaço nos mais variados fóruns de debates promovidos por grupos de fonoaudiólogos.

Na esteira desse movimento, reiteramos a relevância e a urgência de iniciativas que, tal qual este livro, ofereçam subsídios para compreender por que, embora a área já disponha de recursos teórico-práticos que permitam reconhecer a importância e a especificidade de abordagens grupais, elas têm sido, de forma ainda incipiente, desenvolvidas quase exclusivamente em clínicas-escolas e/ou em instituições vinculadas ao Sistema Único de Saúde (SUS).

A busca de respostas para essa contradição remete-nos a, pelo menos, outras três indagações/análises, quais sejam: por que ainda prevalece na área fonoaudiológica a visão de que o atendimento grupal visa apenas atender a uma demanda pública ou diminuir custos? Por que as abordagens fonoaudiológicas grupais, mesmo cadastradas na tabela de procedimentos ambulatoriais e hospita-

lares do SUS e dos convênios particulares, são pouco adotadas? Por que, de forma geral, as abordagens grupais são conduzidas com base na aplicação de procedimentos formulados nas intervenções individuais?

Por meio das análises e das discussões presentes nos capítulos que compõem este livro, pretendemos oferecer elementos que não só permitam apreender aspectos atrelados ao uso limitado de tal atendimento, como contribuam para a sistematização consistente e fundamentada de abordagens grupais fonoaudiológicas que incidam sobre diferentes aspectos, grupos sociais e contextos institucionais.

Entendemos que a divulgação, o debate e o aprofundamento das práticas fonoaudiológicas grupais que vêm sendo desenvolvidas são uma pré-condição para suprir uma lacuna de formação e de atuação dos profissionais da área, em especial aqueles inseridos em instituições de saúde e educação. Para isso, reunimos aqui estudos e experiências que, conduzidos por fonoaudiólogos em parceria com profissionais de áreas afins, permitam aprofundamento acerca da diversidade conceitual e dos procedimentos e atividades envolvidos com as questões da grupalidade, considerando a heterogeneidade de objetivos, problemáticas, sujeitos e contextos que as fundamentam.

Finalizamos nossa apresentação compartilhando a crença de que a constituição de grupos em torno de interesses, propostas e objetivos comuns potencializa a realização de projetos que, se individualmente são difíceis e/ou impossíveis de ser efetivados, tornam-se uma realidade em e pelo grupo. A organização deste livro, como produção grupal, evidencia de forma dialética que a dimensão e o potencial individuais e coletivos são constitutivos dos autores e de suas autorias.

AS ORGANIZADORAS

1. Terapia em grupo voltada à linguagem escrita: uma proposta com base nos gêneros do discurso

RITA SIGNOR
ANA PAULA BERBERIAN

INTRODUÇÃO

A FORMAÇÃO DE UM GRUPO de sujeitos para a realização de terapia fonoaudiológica voltada à leitura e à escrita remete à discussão acerca dos pressupostos e critérios adotados para sua constituição e condução.

Em primeiro lugar, é importante esclarecer que a opção de verticalizar nossos estudos em torno dessa abordagem está sustentada na concepção de linguagem como um fato interacional, dialógico, ideológico e, portanto, constitutivo do sujeito. Ou seja, uma vez alinhada à perspectiva sócio-histórica e, mais diretamente, à teoria de gêneros do discurso, a abordagem grupal, objeto de nossa análise, se apresenta como um contexto profícuo para que práticas significativas de linguagem sejam vivenciadas e concebidas como práticas sociais que se constituem na relação com o(s) outro(s).

Corroborando a posição de Machado (2007), consideramos que o grupo, além de viabilizar o atendimento a uma demanda maior, tem se apresentado como recurso terapêutico potencializador do processo de apropriação da linguagem, já que experiências compartilhadas em torno da oralidade e da escrita tendem a repercutir positivamente e gerar ganhos linguístico-discursivos para todos os participantes do grupo.

Ancorados na perspectiva sócio-histórica, concebemos a produção escrita como um processo em que o sujeito, ao usar a lingua-

gem, faz uso não de um sistema normativo de unidades linguísticas inertes e a-históricas, mas de signos linguísticos significativos, materializados em enunciados proferidos em dada situação social de interação. Assim, consideramos que o aprendiz, de forma compartilhada e mediada pelo(s) outro(s), vai gradativamente se apropriando do objeto escrito (forma e discurso) lendo, escrevendo, revisando, reescrevendo e publicando o texto produzido.

Apoiadas em tais pressupostos e motivadas por indagações relacionadas ao atendimento fonoaudiológico voltado para sujeitos com queixas de dificuldades de leitura e escrita, vamos neste capítulo apresentar uma proposta teórico-metodológica de terapia fonoaudiológica grupal baseada na concepção sócio-histórica de linguagem e na perspectiva de gêneros do discurso de Bakhtin (2003). Para tanto, desenvolvemos um estudo de caso de atendimento fonoaudiológico com cinco sujeitos com queixas de dificuldades de leitura e escrita.

Este capítulo está estruturado em três partes. Na primeira, explicitamos as bases conceituais relacionadas à noção de gêneros do discurso. Em seguida, discorremos sobre os pressupostos metodológicos do estudo de caso aqui exposto. Por fim, relatamos e analisamos resultados de uma experiência, apresentando excertos da interlocução do trabalho terapêutico empreendido, a fim de fundamentar a referida proposta teórico-metodológica.

OS GÊNEROS DO DISCURSO: BASES CONCEITUAIS

SEGUNDO BAKHTIN (2003), todas as atividades humanas são mediadas pela linguagem por meio de enunciados concretos, os quais são a unidade da interação. Na intersecção entre as diversas atividades humanas e a linguagem, opera-se uma relação constitutiva, uma vez que sem linguagem não há interação e que a linguagem é processada diferentemente de acordo com as especificidades dessas atividades.

Cada enunciado, como fato, é singular, único e irrepetível. Entretanto, do ponto de vista da historicidade, observamos que os enunciados produzidos em dada situação social, vinculada a dada atividade humana, apresentam certos traços comuns, resultantes das peculiaridades dessa interação e dessa atividade. Assim, constituem-se os gêneros do discurso, que Bakhtin (2003, p. 262) conceitua como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, “tipos social e historicamente determinados”.

Analisando a conceituação de gêneros de Bakhtin, Rodrigues (2005) destaca que a palavra “tipos” se refere a uma “tipificação social” dos enunciados que denotam certas regularidades em comum, constituídas historicamente nas diferentes esferas de atividade humana, em determinadas situações interacionais relativamente estáveis. Dessa maneira, conforme a autora, somente na análise das situações de interação é possível apreender a especificidade, a composição e o funcionamento dos gêneros. Para aprofundar o entendimento de tal conceito, a autora propõe que analisemos os gêneros *biografia científica* e *romance biográfico*. Apesar de demonstrarem uma regularidade comum (princípio que organiza a narrativa e conta a história de vida de alguém), estão vinculados a esferas de atividade distintas, com funções discursivas e ideológicas também distintas. Nesse caso, mesmo mantendo traços formais comuns, estamos diante de dois gêneros diferentes, daí a necessidade de considerarmos a esfera de produção e de circulação do gênero para que suas especificidades sejam apreendidas.

Como a formação dos gêneros está vinculada às inesgotáveis atividades humanas, ao surgimento e à relativa estabilização de situações de interação, cada esfera dessas atividades tem um conjunto próprio de gêneros que crescem à medida que a própria esfera se torna complexa. Nesse sentido, podemos apreender uma infinidade de gêneros na sociedade, como: na esfera artística, a peça de teatro e o romance; na esfera jornalística, a crônica e o editorial; na esfera escolar, a prova, o diário de classe etc.

Dessa forma, atrelado às finalidades das esferas de atuação humana, Bakhtin (2003) ressalta que todo gênero do discurso apresenta três elementos constitutivos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. O tema é o objeto do enunciado; o estilo, a seleção de recursos (lexicais, gramaticais) da língua; a construção composicional, como esclarece Rodrigues (2001), a seleção de procedimentos composicionais para a organização, a disposição e o acabamento da totalidade discursiva.

Bakhtin (2003) afirma que o domínio de determinado gênero decorre da vivência/experiência estabelecida nas situações de interação mediadas por esse gênero. Isso explica por que parcela significativa das pessoas conhece e domina certos gêneros de diferentes esferas e não demonstram a mesma desenvoltura com outros gêneros. Desse modo, pode acontecer de determinado sujeito conseguir dar palestras, escrever livros técnicos, envolver-se em discussões de caráter científico e, ao mesmo tempo, demonstrar falta de manejo em uma roda de conversa informal: fica calado e, quando intervém, mostra-se desajeitado, não consegue tomar a palavra no tempo desejado, parece pouco claro e nada à vontade. Para o autor, isso ocorre não porque o sujeito desconhece aspectos normativos e/ou lexicais, mas porque não estabelece experiências significativas com tal gênero.

O ATENDIMENTO FONOAUDIOLÓGICO EMPREENDIDO: ASPECTOS METODOLÓGICOS

A OPÇÃO POR UMA ABORDAGEM de atendimento grupal como recurso terapêutico, pautada na concepção sócio-histórica, implica o reconhecimento de que a diversidade é constitutiva dos sujeitos e, portanto, do próprio grupo. Conforme esse pressuposto e concordando com as afirmações de Machado (2007, p. 23), difundidas em estudo acerca da abordagem grupal fonoaudiológica voltada para adolescentes com queixas de distúrbios de leitura

e de escrita, não concebemos a possibilidade de formação de um grupo homogêneo:

[...] Parte-se do pressuposto de que os sintomas são produzidos de forma única, singular, e, portanto, não existem grupos homogêneos, mesmo que a queixa que conduza os sujeitos à terapia grupal se apresente de forma semelhante. Portanto, a presença de sujeitos com queixas em torno de problemáticas parecidas não pode ser considerada, por si só, positiva ou negativa para a constituição e o funcionamento grupal.

Acrescentamos, ainda, que, se o critério da queixa pode ser um aspecto importante para a composição grupal, isso não se dá pelo fato de garantir a homogeneidade no grupo. Ao contrário, o grupo pode favorecer o reconhecimento e a aceitação da singularidade dos sujeitos com a explicitação das diferentes formas de vivenciar e de lidar com problemáticas semelhantes, uma vez que estas são social e coletivamente constituídas.

A respeito da singularidade dos sujeitos, cabe recorrermos às colocações de Faraco (2009, p. 86-7) acerca do modo como os sujeitos, com suas possibilidades e limitações, são concebidos pelo Círculo de Bakhtin, dialeticamente, como sociais e únicos. Conforme Faraco, nesse contexto teórico, o ser humano ocupa um lugar único, uma vez que reage às condições objetivas de forma distinta, o que o torna “social de ponta a ponta” e “singular de ponta a ponta”.

Ainda, quanto à formação do grupo, é importante frisar que a definição da faixa etária como critério ocorreu por entendermos que esse aspecto pode favorecer a união de sujeitos com interesses comuns, o que consideramos fundamental para que o agrupamento de pessoas venha a se constituir num grupo efetivo.

Nessa direção, formamos um grupo de adolescentes entre 11 e 13 anos (identificados por suas iniciais J, D, E, L e M), estudantes do 4.º e 5.º anos do ensino fundamental de escolas públicas de Florianópolis. Eles foram encaminhados por suas

escolas com queixas de dificuldades/distúrbios de leitura e de escrita. A terapeuta que conduziu o grupo é identificada pela letra T.

No trabalho terapêutico fonoaudiológico, enfocamos a leitura e a escrita de alguns gêneros discursivos, a saber: *romance*, *peça de teatro*, *cartaz de divulgação* e *sinopse*. Entre esses, priorizamos a peça de teatro, sendo os demais decorrentes e necessários ao enfoque centrado em uma *proposta de elaboração, publicação e encenação de uma peça*. Para a escrita da peça de teatro, partimos da adaptação de um romance lido no contexto terapêutico grupal. Para a publicação da peça em site e sua encenação, os sujeitos produziram os gêneros *sinopse* e *cartaz de divulgação*. Para a discussão de nossos achados elencamos, na seção 3, alguns excertos do trabalho realizado com a *peça de teatro* e o *romance*.

Com base na teoria de gêneros, as práticas de linguagem desenvolvidas no grupo seguiram os seguintes passos: estudo da esfera de circulação do gênero → formação de um *corpus* de textos no gênero → práticas de leitura dos textos selecionados → práticas de análise das propriedades do gênero (leituras reflexivas dos textos selecionados) → produção de textos no gênero → análise da produção realizada (propriedades do gênero) → revisão/reescritura → publicação.

Para a ação com o gênero *peça*, selecionamos um *corpus* de peças teatrais nas modalidades *drama*, *comédia* e *tragédia*. Comparamos os gêneros *romance* e *peça de teatro* a fim de analisar propriedades textuais que se diferenciam em decorrência da situação social de interação.

Os adolescentes realizaram, também, leituras de entrevistas com dramaturgos; elaboraram uma entrevista para uma autora, enviaram e receberam as respostas por e-mail. Além disso, assistiram a uma peça de teatro, o que visou aproximar os sujeitos o máximo possível das situações concretas de interação [esfera] nas quais os textos desse gênero circulam.